

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	600	120
Possessões ultramarinas (idem) .....	4\$000	2\$000	600	120
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	600	120

35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1203

30 de Maio de 1912

Redacção — Atelier de gravura — Administração  
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4  
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

## Cronica Occidental

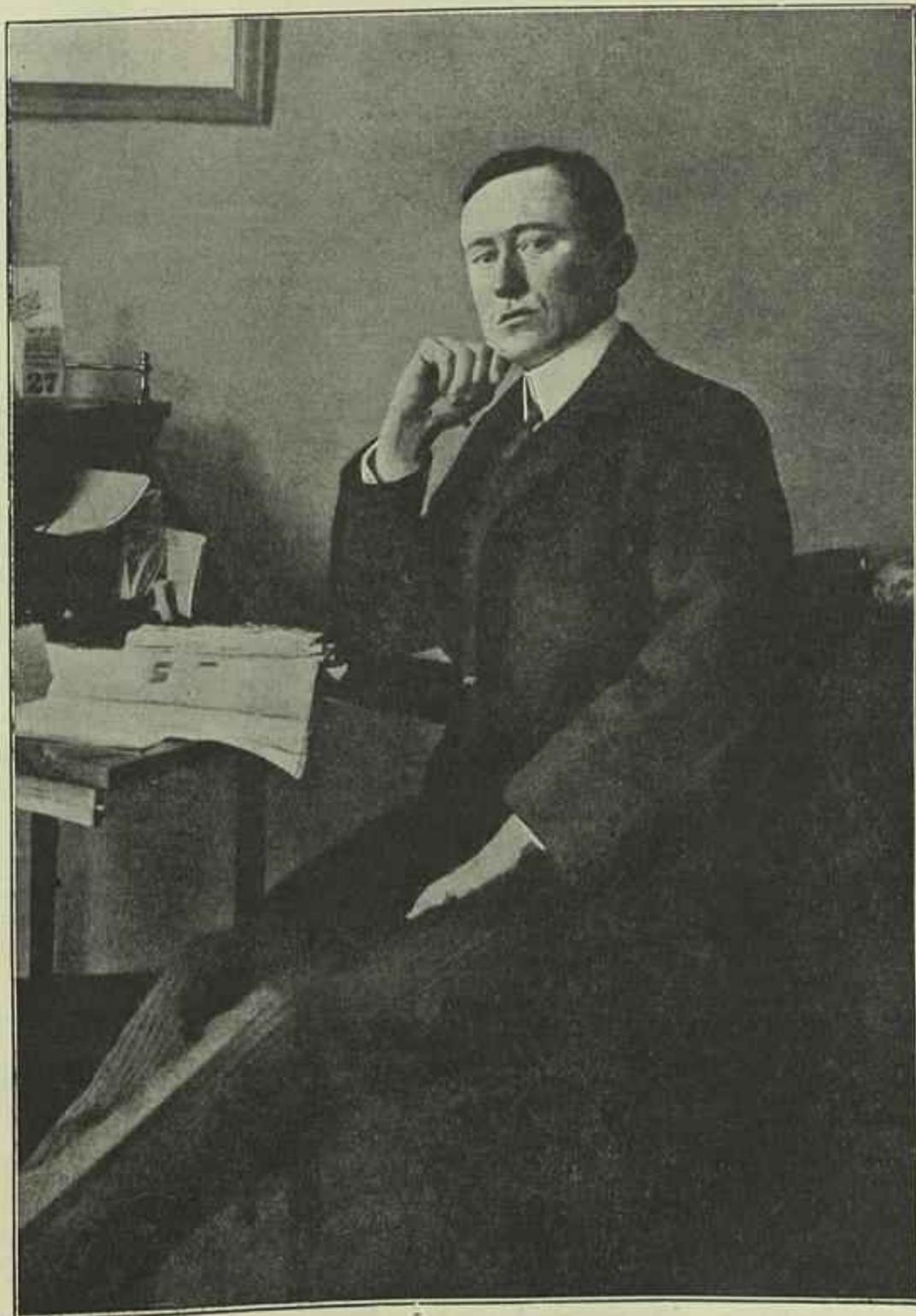
Gil Vicente resurge, arrancado ao esquecimento de tres seculos pela devoção de um poeta, Afonso Lopes Vieira, com toda a jogralidade com que mestre Gil jogueteava a sociedade de então, que bem pôde ser a de hoje, a de todos os tempos.

Resurgiu com toda a pujança no *Serão Vicentino*, habil e amavelmente preparado por Afonso Lopes Vieira e com o superior concurso dos artistas do teatro Republica, que o publico de Lisboa, ainda não ha muito poude apreciar naquela sala de espectaculos.

Agora se repetiu esse *Serão* no teatro Sá da Bandeira, do Porto, numa festa de tanta arte quanto patriotica, como é o fazer vibrar a corda do sentimento nacional tão abalado neste destruir das tradições, sem nada edificar em que se firme.

Só a arte é que define uma nacionalidade, lhe dá força e a impõe ao respeito moral, já a cronica aqui o tem dito e repetido, e por isso é com prazer que registra as palavras do illustre poeta Lopes Vieira, na conferencia com que precedeu a representação das obras de Gil Vicente, quando diz:

«O que me assusta hoje, em Portugal, não são as questões de ordem politica, nem as que desta mais ou menos derivam. Desse genero de incidentes podem os países sempre renascer, como essa bela Italia renasceu entrando no periodo de atividade esplen-



GUILHERME MARCONI

INVENTOR DA TELEGRAFIA SEM FIOS, DE VISITA EM LISBOA — (VEJA CRONICA OCCIDENTAL)

(De fotografia)

dida em que hoje se encontra. Em Portugal, o que me assusta é que o povo continue a chamar Luiz de Camões... a todos que perderam um dos olhos, apenas nisto resumindo o seu culto pelo poeta; o que me assusta é que se haja cometido e que se consinta o crime de manter uma fabrica de gaz junto da Torre de Belem, que o grande rei D. João II mandou desenhar ao seu amigo Garcia de Rezende, para agora um povo inteiro assistir a tal ignominia; o que me assusta é que não amemos como deviamos, a beleza das nossas arvores e dos nossos litoraes e que espalhemos por toda esta natureza admiravel a desolação das coisas feias. O que me assusta, numa palavra — é sobretudo que não tenhamos aprendido ainda a ser constructivos, quando tanto talento temos revelado em toda a especie de destruição. Se quizermos viver é urgente que espiritualisemos a nossa vida social, que enraizemos neste solo para sermos dignamente quem somos. Não para ficarmos absortos na contemplação inerte do passado, nem para dispendermos mais retorica sobre as nossas vaidades — mas para caminharmos com segurança para o futuro. Sem o culto das tradições os países dissolvem-se; e o que enobrece e perpetua as tradições é apenas a arte; e é só a arte, tambem, que enobrece os logares e as creaturas que os povoam.»

E' substanciosa e ao mesmo tempo elegante pela frase, a

conferencia do sr. Lopes Vieira, descrevendo a figura moral do poeta quincentista, na obra do seu teatro, o seu espirito — «o mais inventivo dos genios portuguezes, na frase da sr.<sup>a</sup> D. Carolina Micaeles de Vasconcelos.»

A sociedade portuense acolheu com entusiasmo o conferente, assim como os artistas que interpretaram as obras de Mestre Gil, como no seu tempo lhe chamavam.

Primorosamente recitaram os actores Augusto Rosa e Ferreira da Silva o dialogo entre o *Vilão* e *Frei Paço*. Este dialogo mereceu os aplausos da assistencia, e o sr. Lopes Vieira continuou dissertando sobre Gil Vicente cristão, embora estigmatizando as pompas romanas que não se conformavam com a pureza e simplicidade de seu ideal religioso. Ocupa-se do *Auto da Lusitania*, o fragmento de *Todo o Mundo e Ninguem*, trazido ao teatro pelo falecido D. João da Camara.

Os versos da *Exortação á guerra contra os mouros de Açamor*, que Chaby admiravelmente recita e é aplaudido.

O sr. Lopes Vieira termina a sua conferencia com os seguintes periodos, que a cronica perflha, com todo o aplauso das suas convicções:

«Se a arte é, para os países prosperos, o maior motivo do seu orgulho e a mais alta razão do seu prestigio, para os países em crise ella é ainda a melhor inspiradora de força e de fé. Garrett escreveu estas palavras: «Muitas vezes tenho pensado e creio que os *Lusíadas* tem sido melhor cidadela para defender a independencia, do que o forte da Graça e a Torre de S. Julião. Com effeito, os *Lusíadas* foram relidos e comentados em 1640 e em 1820, e o culto camoneano devia representar, para nós, o que para os italianos representa o culto dantesco — a independencia e a unidade da patria. E' ao amor pelas coisas belas, e á alegria que a admiração por ellas nos faculta, que nós devemos ir buscar as forças de que todos tanto carecemos.»

«Pobres dos países que não soubessem amar a beleza das suas obras de arte! Porque a sua existencia seria bem precária, além de que os seus naturaes desconheciam o mais nobre sentimento humano — a admiração do que é belo, o unico sentimento capaz de acalmar as paixões e as contendas, e perante o qual paixões e contendas parecem sempre mesquinhas e vãs. A verdadeira fraternidade é aquella que o poder da arte estabelece. A unica verdade conhecida é a Beleza. E é porque nós vamos admirar o que é profundamente nosso e representa uma alta e poderosa affirmacão da alma nacional, que esta noite será bela.»

E foi.

Os aplausos que cobriram as palavras do conferente, repetiram-se e prolongaram-se por todo o resto do *Serão Vicentino*, em que Adelina Abranches interpretou com o talento que lhe é reconhecido, *O pranto de Maria Parda*; Augusto Rosa, Chaby, Alexandre de Azevedo e Henrique Alves, que magistralmente representaram *Todo o Mundo e ninguem*; Eduardo Brazão, que recitou a *Partida da armada dos Lusíadas*; Augusto Rosa que leu o episodio de *Inês de Castro*; e Adelina Abranches o monologo do *Vaqueiro*, terminando o serão pelo *Auto da Barca do Inferno*, adaptacão e prologo de Lopes Vieira, que foi especialmente ovacionado pelos espectadores que o chamaram ao proscenio.

Ao *Serão Vicentino* seguiu-se no dia seguinte uma *Matinée Vicentina*, — chamemos-lhe assim, — em casa do grande escultor Teixeira Lopes, uma vivenda artistica, em Gaia, que é ao mesmo tempo um museu de arte, reunido por um belo espirito de artista, todo entregue á sua arte que ele ama e é todo o seu sonho.

O scenario não podia ser melhor, nem mais apropriado, em que os artistas do Republica repetiram a representacão do Sá da Bandeira.

Tudo naquela casa se acomodava á cena, especialmente quando Adelina Abranches recitou o monologo do *Vaqueiro*, na alcova de Teixeira Lopes, onde se via um leito antigo, como, acaso, seria o da camara da rainha, quando Gil Vicente ali fez a sua representacão.

E assim se evocaram festas da Renascença e resurgiu com todo o brilho o poeta quincentista, que lançou os primeiros fundamentos do teatro portuguez, influindo não pouco no teatro espanhol e que mais tarde se reflete na obra de Molière, o classico comediografo do teatro francès, que o nosso publico primeiro conheceu, do que o seu Gil Vicente, tres seculos esquecido, e raro lembrado por um ou outro estudioso das letras patrias.

Assim tem vegetado este povo, ignorante da

sua historia, descrente de si proprio, sem um ideal que o estimule, sem saber para onde caminha, qual o seu futuro.

Neste infatigavel trabalho mundial em que todos os povos avançam, ele estaciona aturdido sem ter em que se firmar.

Quanta energia é precisa aos poucos que tentam levantar-se deste meio apatico em que o resto jaz?

A cronica vae longa e ainda tem de registrar uma visita illustre, que passou em Lisboa quasi com a rapidez do meteoro.

Refere-se á visita de um lumiar da ciencia, ao benemerito inventor da telegrafia sem fios, Guilherme Marconi.

O illustre cientista, passou nesta capital, vindo de Madrid, onde teve uma recepção entusiastica e foi agraciado pelo chefe do Estado com a cruz de Afonso XII.

Em Lisboa apenas se demorou dois dias, empregados em percorrer alguns pontos mais bonitos da cidade e ver seus monumentos.

Foi convidado para um almoço na legacão inglesa, e recebido por sua ex.<sup>a</sup> o Presidente da Republica no palacio de Belem, assistindo á recepção representantes do corpo diplomatico, ministerio e varios professores de ensino superior, e servido um chá, no jardim que deita sua vista sobre o Tejo, que o illustre visitante muito apreciou, porventura, como o que de mais grandioso seus olhos poderam admirar neste extremo occidental da Peninsula.

Na Sociedade de Geografia foi recebido á noite, em sessão celebrada em sua honra.

A esta sessão presidiu o chefe do Estado, assistindo quasi todos os presidentes e membros das diferentes secções, com numerosa concurrencia de socios e suas familias, em que as senhoras abrihantavam a festa com a sua presenca.

Marconi tomou lugar á direita de sua ex.<sup>a</sup> o Presidente da Republica, tendo este á esquerda o sr. marquês Paolucci di Calboli, ministro da Italia.

O sr. dr. Bernardino Machado, em nome da Sociedade de Geografia de que é presidente, saudou Marconi e nele a Italia, de que é filho. O inventor da telegrafia sem fios é tambem saudado pelo sr. Almeida d'Eça, que termina o seu discurso propondo para que seja eleito socio de merito Guilherme Marconi, o que a assembleia aprova numa entusiastica aclamação.

O sr. dr. Almeida Lima discursa em nome da ciencia portugueza prestando sua homenagem á maior celebridade scientifica da actualidade, e mostra o grande alcance dos trabalhos de Marconi, que todo o mundo reconhece.

O sr. Hipacio de Brion, em nome do Instituto de Socorros a Naufragos, lê uma mensagem dirigida a Marconi, exaltando a grande obra humanitaria do seu maravilhoso invento. O Instituto de Socorros a Naufragos honra-se em inscrever o nome de Guilherme Marconi entre os seus socios de merito e em lhe conferir a medalha do mesmo Instituto.

Por fim Marconi agradece a todos os oradores e á assembleia as saudações que lhe acabavam de dirigir, e explica, em breves palavras, os trabalhos por que chegou á realisacão do seu invento, trabalhos em que continua proseguindo.

Um viva a Marconi, levantado pelo sr. dr. Bernardino Machado e correspondido por toda a assembleia, foi o fecho desta sessão festiva em homenagem ao illustre cientista, honra da Italia e de todo o mundo a quem Marconi pertence como bemeitor da humanidade.

Guilherme Marconi é ainda novo, pois nasceu a 25 de abril de 1874, em Bolonha. Ainda estudante, dedicou-se a resolver o problema da telegrafia sem fios, que preocupava os sabios desde o descobrimento da telegrafia eléctrica.

Aproveitar todas as energias eléctricas era o sonho constante de Bauti, Vaisenat, Ferrie, Boulangier, Delle Rigia e Brocca, sem resultado apreciavel, como Edison tambem não alcançou com as suas experiencias, em 1885.

O sabio russo Narkevitch Jodko, fez depois estudos, tambem sem resultado, até que, em 1888, Hertz fez novas experiencias no sentido de verificar a propagação das ondas electro-magneticas, segundo a teoria de Maxwell. Nos mesmos estudos seguiram Lodge e Brandy, secundando esses estudos o sabio Popoff, russo, que parecia resolver o problema.

Os estudos, porém, de Marconi avançavam e, em 1895, o joven estudante, tornava publico o seu invento, essa verdadeira maravilha da telegrafia sem fios a que o mundo já tantos beneficios deve.

Não se encerrará esta cronica sem registrar a vinda a Lisboa do illustre diplomata japonéz

sr. Minozi Arakaira, ministro do Japão em Espanha e Portugal.

Sua ex.<sup>a</sup> foi recebido no palacio de Belem pelo Presidente da Republica, para a entrega das credenciaes do seu país junto do governo portuguez.



MINOZI ARAKAIKA, ENVIADO EXTRAORDINARIO E MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DO JAPÃO, EM LISBOA

Em extremo cordiaes as relações dos dois países, o digno ministro fez sentir no seu discurso quanto o seu governo e ele se empenhavam em manter essas relações de bom entendimento.

Sua ex.<sup>a</sup> o Presidente da Republica, respondendo ao discurso do sr. Arakaira, manifestou quanto eram agradaveis a Portugal aquelas boas relações, assegurando ao illustre diplomata que: «No desempenho da honrosa missão que vos foi confiada podeis contar, senhor ministro, com o meu leal concurso e o do governo portuguez.»

O sr. Arakaira vem tambem encarregado pelo seu governo de concertar um tratado de commercio entre os dois países, para o que já tem realisado varias conferencias com o sr. ministro dos estrangeiros.

CAETANO ALBERTO.



## A Festa escolar no Instituto Torre e Espada

Esteve em festa o famoso convento de Odivelas, fundação de El-Rei D. Diniz que o mandou edificar, em cumprimento de um voto, nos anos de 1294.

Celebre por acontecimentos tristes que ali se deram, como foi o da morte da rainha D. Filipa de Lencastre, mulher de D. João I, que áquele convento se acolheu, fugindo da peste que assolava Lisboa, em 1415, e nele faleceu daquela epidemia, tambem ali veiu a morrer a infanta D. Filipa, filha do infante D. Pedro, o da Alfaroqueira, a qual se recolheu áquele convento, mas sem professar, tendo 12 anos de idade, onde faleceu com 59 anos, em 1497, e lhe fizeram um tumulo, que ainda existe. Celebre diziamos, por estes acontecimentos tristes, não é menos celebre

pela historia de amores, que a elle está ligada, do magnifico rei D. João V com Madre Paula, a formosa dama que tanto enlevou aquelle monarcha, o que fez criar ao Convento de Odivelas tantas outras lendas amorosas de suas freiras, em geral da flôr da sociedade de então, e que atraíram seus apaixonados, a outeiro de poetas como Bocage, Seabra, Tolentino e outros, dos Marialvas, a quem as belas freirinhas ofereciam deliciosos doces de marmelada em recompensa dos poetas glossarem os motes que ellas lhes propunham das grades da sua clausura.

Ainda lá vimos as grades dessa clausura como ainda lá se vêm as janelas dos aposentos da celebre Madre Paula, reproduzidas numa das gravuras que acompanha estas linhas. Os aposentos eram luxuosos em decorações e mobiliário, tanto quanto se pôde imaginar, pela paixão do fausto e grandeza que dominava D. João V, para mais loucamente enamorado da sua freirinha.

O mosteiro de Odivelas teve em D. João V o seu maior protétor, pois o acrescentou com novas edificações, aumentando lhe os dormitórios e outras dependências, com o que muito se alargou a comunidade, chegando a compôr-se de duzentas e sessenta freiras. Chegou o mosteiro ao apogeu do brilho por suas festas religiosas e populares, que se celebravam em determinados dias do ano, e nas eleições das abadessas, quer na igreja, quer no terreiro, onde o povo dansava tres e mais dias, e do convento lhe eram distribuidos doces á farta e licores, com que todos folgavam, ganhando as freiras grande popularidade ao mesmo tempo que iam adquirindo liberdades, como nenhuma outra disfrutavam no país.

Tudo isto acabou, principiando pelo terremoto de 1755 que destruiu boa parte da igreja e do mosteiro, destruição que foi reparada, mas sem respeito nenhum pelo estilo architectonico da primitiva fabrica, como respeitado tambem não fôra, quando, no seculo XVII D. João IV ali mandou proceder a reparações de que o edificio precisava, para sustar a ruina produzida durante tres seculos.

A ultima abadessa, falecida por 1885, quando apenas havia só mais uma freira, fez vagar este convento que, pela lei de 1834, passou para a posse do Estado.

Poucos anos depois pensou-se em dar applicação a este mosteiro, para o que nele se iniciaram grandes obras, que modificaram muito a divisão interna do edificio, que se destinou a casa de educação para meninas, como de facto succedeu, criando-se ali o Instituto D. Afonso — o ultimo infante de Portugal — para internato e educação das filhas dos officiaes do exercito e da marinha, cujos paes falecessem em serviço da patria.

Com a queda da monarchia passou este Instituto a denominar-se da Torre e Espada, conforme a Ordem Militar deste nome.

Depois da implantação da Republica, foi no domingo 19 do corrente que ali se realizou a primeira festa escolar, com a comparencia do Chefe do Estado, dos ministros da guerra e do interior, dos srs. coronel Julio Cortez, diretor do Instituto; generaes Moraes Sarmento e Garção; coroneis Marques Leitão e Alves; e professores do Instituto srs. capitães Simas, Leitão, tenente Libanio Pinto; Luiz Derouet; medica D. Adelaide Cabette; regente D. Guilhermina Couto, etc.

A exposição de trabalhos das educandas prendeu muito a atenção dos visitantes, pela beleza das obras que apresentava.

No antigo refeitório, hoje destinado a sala de festas, houve concerto em que as educandas deram provas do aproveitamento de seus estudos de musica, assim como a representação da comedia franceza *Pierrot*, desempenhada com muita distincção pelas meninas Maria Lancel Nunes, do 2.º ano dos liceus; Alice Carmo, do 2.º ano do curso de commercio; Bernardina Neves, do 2.º ano do curso de perceptora; Silvina de Moraes, do 2.º ano do curso dos liceus; Maria Amelia Pinto, do 2.º ano do curso de perceptora; Sofia Higgs, do 2.º ano do curso dos liceus; Julia Passalacqua, do 2.º ano do mesmo curso; e Julia Gonçalves, do 2.º grau de instrução primaria.

Entre os numeros do programa que constituíram a festa escolar, não podemos deixar de mais especialmente nos referirmos ao da dissertação, sobre a *Musica Portuguesa na Idade Média*, do professor sr. A. Alves, recitada pela menina Alice Taveira Martins, do 2.º ano do curso de perceptora.

O assunto, sempre interessante, veiu inteiramente a proposito naquella logar, em que a poesia e a musica populares tiveram sua epoca.

Alguns trechos dessa dissertação devem ser lidos com prazer e proveito instrutivo de todo o cabimento nesta revista.

Eil os.

.....  
«Pondo os termos do problema, surge-nos agora a interrogativa: é a musica portugueza distinta da espanhola? A pergunta responde muito claramente a sr.ª condessa de Proença-a-Velha no seu precioso livro *Os nossos poetas — melodias portuguezas*: «Os resultados scientificos a que chegaram os nossos investigadores provam que existe de facto uma raça lusitana, que se destaca da iberica e é inconfundivel com ella, dando-nos assim a certeza da nossa autonomia; deve haver tambem uma musica nacional com tonalidade característica, onde se revele a profunda expressão da alma portugueza.»

«O sentimento das nossas melodias populares de uma simplicidade, que não vem da pobreza da inspiração mas da sua remota origem, destaca-se por completo das canções espanholas cheias de melismos e de ritmos variados.»

O nosso cancionero é um filão precioso, que ainda não foi explorado e é de af que se ha de extrair a tonalidade da nossa musica segundo o processo empregado na Alemanha por Weber, Gade e Grieg na Scandinavia.»

«Stafford, na historia da musica alemã diz mais: «o povo portuguez possui um grande numero de canções lindissimas e de grande antiguidade, são os *landuns* e as *modinhas*. Em nada se parecem com as de outras nações; a modelação é absolutamente original. E' para sentir que os compositores portuguezes abandonem o estilo da sua musica nacional para adoptarem a maneira italiana.»

Não ha duvida de que a nossa musica popular é profunda, inconfundivelmente característica, nacional. Não percamos a esperança de que ella florescerá ainda um dia. Victor Hussla, Cyriaco Cardoso, Guilherme Ribeiro, Thomaz Borba, o delicado compositor da *Moleirinha, Rosa Branca, Os morangos*; não ha duvida de que estes nomes são já de alguém que trabalhou e trabalha pelo resurgimento da musica portugueza.

Citanda estes nomes, não devemos esquecer o da condessa de Proença-a-Velha, que no nosso meio artistico representará o mesmo papel, que representou no seculo XVIII a marquesa de Alorna, a decantada Alcipe.

.....  
Na tradição poetica popular encontra-se a seguinte quadra que faz remontar os lindos cantares ao sobrenatural mitologico ou cristão:

Esta noite á meia noite  
Ouvi um lindo cantar  
Julgava que era dos Anjos,  
Era a sereia no mar.

.....  
As musicas liturgicas é provavel que sejam de origem mosarabe, por terem sido colecionadas na Beira, onde, como diz Herculano, foi o centro das povoações mosarabes.

Tanto as canções relacionadas com a liturgia como as danças de terreiro, ainda hoje são cantadas ao som do adufe.

Segundo diz Soriano Fuentes, na *Historia da musica espanhola*, os lusitanos tinham um grande culto pela musica e pela dança.

Todas as festas publicas ou domesticas, eram celebradas com musicas características.

Avançavam para os combates dançando e cantando, e assim morriam.

Sendo conquistados pelos romanos, cultivaram a arte com tal esmero que Lisboa, no tempo de Sertorio, foi o centro da sciencia e da musica.

No concilio de Braga no seculo V os bispos recomendaram o canto nas igrejas.

Está provado que os lusitanos já conheciam a harmonia antes da invasão arabe.

A fama da musica e da dança da peninsula foi tanta que no tempo do consul Metelo foram mandados a Roma muitos cantores e dançarinos, que surpreenderam a grande cidade a ponto da musica grega aristotelica e pitagónica ser altamente influenciada pela arte peninsular.

Um facto que mostra a estima em que eram tidos os nossos artistas foi que, sendo necessario expulsar de Roma, por falta de generos alimenticios, todos os estrangeiros, os hispanicos, em numero de mais de mil, não saíram, devido ao pedido da nobreza.

.....  
Os arabes, com o seu dominio de tolerancia, exerceram uma profunda modificação nos costumes dos povos peninsulares.

Ao lado do templo cristão elevou-se a sua mes-

quita, e não raro mouros e cristãos faziam alianças, chegando D. Afonso Henriques a servir-se destes auxiliares.

As festas de S. João eram comuns aos dois povos, como está provado historicamente e pela tradição, que ainda conserva a seguinte quadra cantada na Beira Baixa:

Que festas fazem os mouros  
Na manhã de S. João?  
Correm touros e cavalos  
Com canas verdes na mão.

A cana verde é uma alusão ás corridas de cavalos, de que ha ainda uma sobrevivencia em Monforte da Beira.

.....  
«As côrtes dos nossos primeiros reis, especialmente de D. Afonso III e D. Diniz, fôram verdadeiras escolas de poesia e musica. As *Serranilhas* e *Cantares de amigo*, de D. Diniz têm verdadeira inspiração popular.»

«Assim, a Idade Média é na Peninsula uma fonte perene de muitas e variadas canções, parte das quaes chegaram até nós cheias de vida, de graça e de sentimento.»

«No seculo XVI a celebre mistica espanhola, Terresa de Jesus, recomendava ás freiras que se retiravam da comunidade, que não se esquecessem das pandeiretas e das castanholas, para em certos dias festivos dançarem nos claustros.»

.....  
Depois desta recitação, fôram cantadas pelas educandas varias canções, como a *Serranilha* de D. Diniz, musica da sr.ª Condessa de Proença-a-Velha, assim como versos de Gil Vicente extraídos do *Auto dos Almocreves; Pescando*, versos de Afonso Vargas, musica de Silveira Paes; *Os morangos*, versos de Afonso Lopes Vieira, musica de Thomaz Borba, etc.

Terminou a festa pelo *Orfeon* das educandas numa saudação á bandeira da Republica, entoando por fim o Hino do Instituto.



## Os novos reis da Dinamarca

.....  
Nos países monarchicos o rei nunca morre, por isso que se diz: «Rei morto rei posto».

Assim, em Copenhague, mal se soube ter falecido Frederico VIII (1): foi proclamado rei o principe herdeiro Cristiano, o decimo deste nome que neina na Dinamarca.

Cristiano Carlos Frederico Alberto Alexandre Guilherme, nasceu em Charlottenlund a 3 de agosto de 1870, filho do rei Cristiano Frederico Guilherme Carlos, agora falecido. Em 26 de abril de 1898 casou com a duquesa Alexandrina Agostinha, filha do gran-duque Frederico Francisco III de Mecklembourg-Schwerin, nascida a 24 de dezembro de 1879.

Deste casamento nasceram dois filhos: o principe Cristiano Frederico que conta agora 13 anos e é o herdeiro do trono e o principe Cristiano que nasceu em 1901.

A casa reinante na Dinamarca é aparentada com os principaes soberanos da Europa, sendo o rei Cristiano X sobrinho da rainha Alexandra, viuva de Eduardo VII de Inglaterra.

O rei Cristiano X, que occupava no exercito o posto de general em chefe, foi um estudante muito distinto e, educado para um dia succeder a seu pae no trono da Dinamarca, foi este o seu melhor educador assim como seu avô, de quem recebeu bons conselhos e melhores exemplos de rei constitucional.

O povo dinamarquês saudou com entusiasmo o seu novo soberano, confiando que ele será o continuador da obra politica de seu pae e avô, que tem assegurado a paz á Dinamarca.



## O Palacio do Alfeite para uma Escola Liberal

.....  
Apareceram em alguns jornaes noticias acerca da proposta de compra ao Estado do palacio do Alfeite, por um grupo de cidadãos liberaes de que fazem parte os srs. Thomaz da Fonseca, deputado e diretor das escolas normaes, Ferreira

(1) Vide n.º 1203 do OCCIDENTE de 20 do corrente, pag 112.

## A Festa Escolar no Instituto Torre e Espada



O ANTIGO REFEITORIO DO CONVENTO DE ODIVELAS, HOJE SALA DAS FESTAS DO INSTITUTO TORRE E ESPADA

do Amaral, engenheiro, Francisco Granel, comerciante, etc.

As mesmas notícias dizem que sobre este assunto, os interessados têm tido varias conferencias com o sr. ministro do fomento e que a oferta é de cem contos por esta propriedade.

Como illucidação cabe fazer aqui a breve historia desta propriedade, uma das mais rendosas que pertencia á corôa desde 1834.

Quando D. Afonso Henriques conquistou Lisboa, já esta propriedade existia com a denominação de Penha. D. Afonso doou-a então aos inglêses, que o ajudaram na conquista.

D. Sancho I fez passar esta propriedade aos cavaleiros da Ordem de S. Tiago, até que, no reinado de D. Diniz, foi incorporada nos bens da corôa dando em troca áquella ordem as villas de Almodovar e Ourique, e os castelos de Monchique e Aljesur.

D. Fernando I incluiu a Penha nos bens com que dotou sua mulher D. Leonor Teles, a qual, depois da morte do marido, os doou ao celebre judeu David Negro, almoxarife das alfandegas do reino.

Este judeu, seguindo o partido da rainha viuva, acompanhou-a na fuga para Alemquer, a isso obrigada pela revolta em favor do Mestre de Aviz.

Por este facto David Negro foi declarado traidor á patria e sequestrado-lhes todos os seus bens.

D. João I, ainda regente, doou a Penha



OS APOSENTOS QUE FORAM DA CELEBRE MADRE PAULA

ao seu compñheiro de armas, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

A mulher de David Negro, porém, sabendo desta doação, tentou embargal-a em nome dos filhos, e disto se originou uma demanda, que durou nove anos, terminando por uma composição, em que ella ficou com os bens de Almada, que compreendiam a Penha e o condestavel com os de Lisboa.

Mais tarde, conforme a tradição, D. Nuno Alvares Pereira comprou aos herdeiros de David Negro, aquella propriedade para a reunir a outras que possuia da outra banda do Tejo, até que, em 28 de julho de 1404, doou estes e outros bens que tinha á Ordem de Santa Maria do Carmo. Foi depois desta doação que a propriedade da Penha passou a denominar-se do Alfeite.

Passam-se mais de dois seculos em que a propriedade do Alfeite soffreu varias alternativas e, só em 1697, parece que a adquiriu D. Pedro II, de Gerardo Huguer Marcem, que então estava de posse dela, e a incorporou na Casa do Infantado.

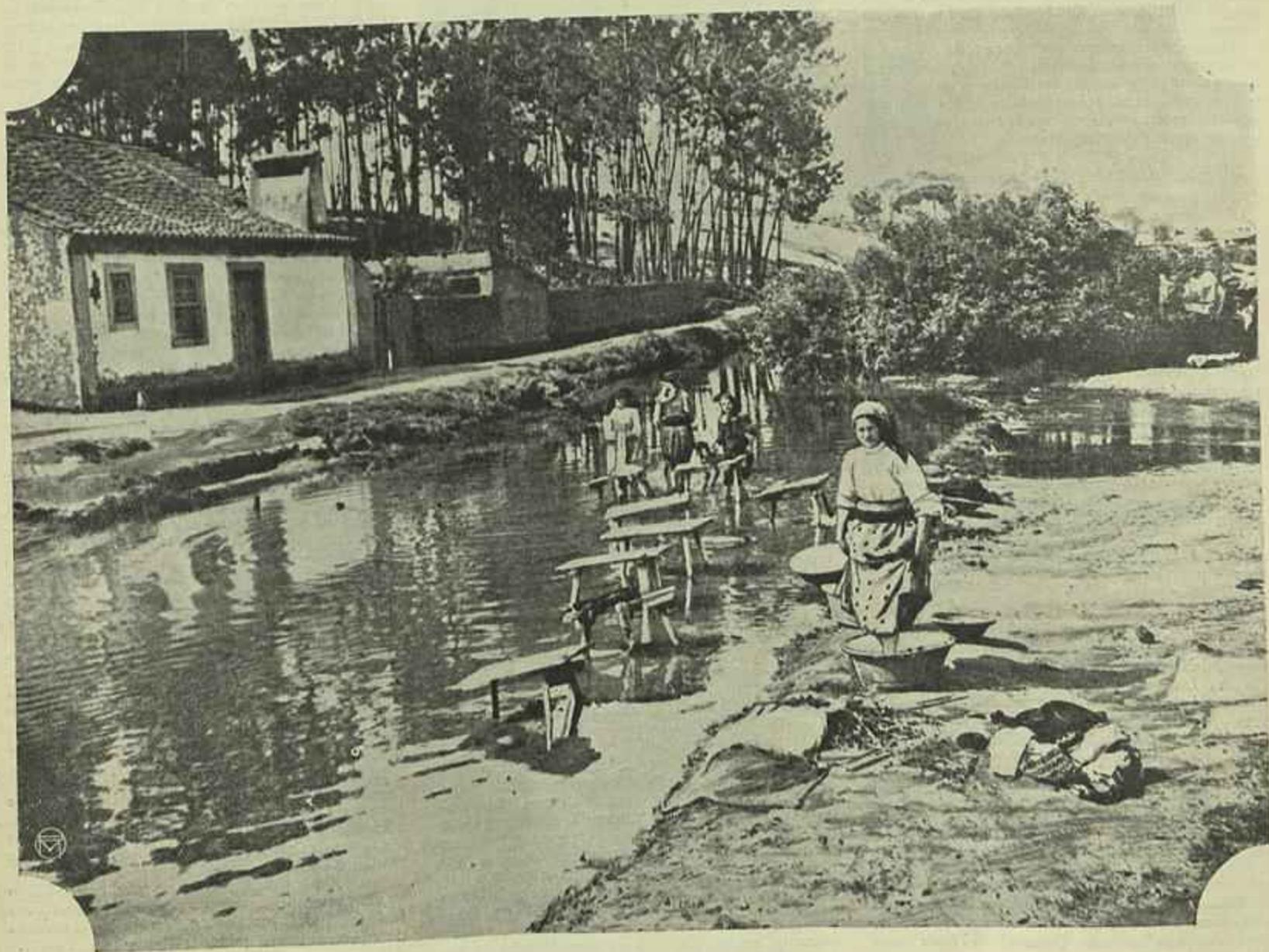
No reinado de D. João V, o infante D. Francisco, a quem pertencia esta Casa, instituida por D. João IV, reuniu-lhe a quinta da Romeira, comprada, em 1707, ao conde de Tarouca, e mais outra que comprou ao desembargador Antonio da Maia Aranha. D. Maria I aumentou os bens do Infantado com mais propriedades que lhes juntou, e D. Miguel, no 1.º de



AS EDUCANDAS QUE TOMARAM PARTE NA REPRESENTAÇÃO «DUAS ROSAS» DO SR. FRANCISCO SIMAS — O CHEFE DO ESTADO ACOMPANHADO DOS SRS. MINISTRO DA GUERRA E DO INTERIOR, RECEBIDOS NO INSTITUTO TORRE E ESPADA, PELA DIRECÇÃO, REGENTE E PROFESSORES



Os NOVOS REIS DA DINAMARCA S. S. M. M. REI CHRISTIANO X E RAINHA ALEXANDRINA



ARREDORES DE OVAR — LAVADEIRAS NO RIO  
(Cliché da "Mala da Europa")



julho de 1833, arrematou a quinta da Piedade, que se ligava com as do Alfeite, e que depois passou á posse de Pompeu Dias Torres, negociante em Lisboa, que por sua vez a vendeu ao moajeiro Antonio José Gomes, sendo hoje dos seus herdeiros.

A propriedade do Alfeite, com os seus palacios, compõe-se do Outeiro, Quintinha, Antelmo e Bomba, pertencendo-lhe tambem a vinha do Pagador, a Lagôa de Albufeira, os pinhaes de Corroios e do Cabral, os moinhos do Galvão, Passagem, Capitão e Torre.

Em 1851 debateu-se na Camara dos Pares a questão do arrendamento da propriedade do Alfeite ao conde de Tomar—Costa Cabral—então presidente do conselho.

Esse arrendamento era por 99 anos e por 2500\$000 réis anuaes. A quinta do Alfeite era naquele tempo um onus para a casa real, bem ao contrario do que hoje acontece, pois só a venda da areia extraida dos seus areiaes para as construções de Lisboa e seu termo, constitue um rendimento importantissimo. A questão a este respeito ventilada na camara alta foi das mais escandalosas, entre os partidarios de Costa Cabral e os adversarios á frente dos quaes se encontrava o marechal Saldanha. A ultima sessão em que este assunto foi debatido e em que o conde de Tomar pronunciou o seu ultimo discurso parlamentar, tomando a propria defesa, realçou-se em 22 de março de 1851. O parlamento foi encerrado e poucos dias depois iniciava o duque de Saldanha o movimento revolucionario conhecido pela *Regeneração*, que importou a queda do governo de Costa Cabral e a este se exilar para o estrangeiro.

Em 1857 D. Pedro V fez grandes melhoramentos na quinta do Alfeite, e mandou construir o novo palacio mais elegante e confortavel do que o antigo, que cahira em ruinas, assim como no Antelmo, pertença da mesma propriedade, que foi restaurada.

Nos ultimos tempos, o palacio do Alfeite era utilizado pelo sr. infante D. Afonso e pela rainha sr.<sup>a</sup> D. Amelia, que ali ia passar alguns dias, no outono.

A proposta que aparece agora para a compra desta propriedade, não deixa de fazer lembrar a que em 1851, o conde de Tomar tentou para o seu arrendamento, por 2500\$000 réis, talvez menos da quarta parte do rendimento só da areia que de ali se extrae anualmente.



## Sé de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

Para se poder avaliar a íntima satisfação que Augusto Fuschini tinha, sentindo-se viver dentro deste trabalho — *a minha Sé*, assim lhe chamava — bastará lembrar a resposta que muitas vezes dava, quando o aconselhavam a reentrar na politica: — *«Agora vivo para as minhas pedras, na certeza de que, onde hoje as deixo, amanhã lá as vou encontrar!»*

Com esta phrase, deveras elucidativa, terminamos a pequena noticia sobre as obras de restauração da Sé de Lisboa. Fieis, porém, ao nosso compromisso, resta-nos ainda dizer algumas palavras acerca de Augusto Fuschini, sentindo não podermos traçar o panegyrico completo d'este illustre portuguez.

Nasceu Augusto Maria Fuschini em Lisboa, a 2 de agosto de 1846. Aos 19 annos de idade, foi para Coimbra completar os preparatorios encetados em Lisboa, matriculando-se em seguida na Universidade, no primeiro anno de mathematica e no primeiro de philosophia.

Em mathematica, obteve a melhor classificação (*partido*); e em philosophia, foi premiado, recebendo ao fim do quarto anno o grau de bacharel n'aquellas faculdades.

Em Coimbra, pertenceu a uma geração de homens notaveis nas sciencias e nas letras, que muito honram a patria que lhes foi berço.

Por essa epocha (1868), um grupo de academicos fundou em Coimbra um *Casino*, pois assim se denominou o novo centro academico, para ali realizarem conferencias sobre varios ramos dos conhecimentos humanos. D'esse grupo fazia parte Augusto Fuschini, que, com os seus collegas, tornou celebres as noites do *Casino*, pela maneira como eram tratados os assumptos, objecto das conferencias.

Habilitado com o grau de bacharel nas duas faculdades, mathematica e philosophia, volta a Lisboa, e em 1871, contando 25 annos de idade, matricula-se na Escola do Exercito, no curso de engenharia civil e de minas; e, mantendo sempre os creditos de estudante distincto, continua obtendo as primeiras classificações, alcançando no fim de dois annos, em 1873, a sua carta de engenheiro.

No anno seguinte, 1874, devido á influencia do seu intimo amigo o fallecido par do reino conselheiro Augusto Cesar Cau da Costa, é nomeado engenheiro civil da Junta geral do districto de Lisboa, passando ao quadro de engenharia do Ministerio das obras publicas, pela extinção das referidas Juntas geraes.

Investido no seu primeiro cargo publico, dedica toda a attenção e estudo aos deveres profissionaes, até que, resolvendo se a entrar na politica, filia-se no partido regenerador, de que era chefe o eminente e saudosos estadista Fontes Pereira de Mello, e propõe-se deputado pelo circulo de Belem, em opposição ao governo, vencendo a eleição, apesar da campanha violenta que lhe moveram.

Presta juramento e toma assento na Camara em 7 de fevereiro de 1879; e, a partir d'esta epocha até 1904, quasi sem interrupção, representa em côrtes os circulos de Belem, S. Thiago do Cacem, Alcacer e Grandola, pugnando sempre pelos interesses dos povos que o elegiam, mas tratando, ao mesmo tempo, dos negocios viciaes do paiz, produzindo importantes discursos sobre questões de administração publica, especialmente as de natureza economica e financeira, em que era muito versado.

Com a morte de Fontes, em 1887, organiza-se um novo grupo politico, denominado Esquerda Dynastica, sob a chefia do conselheiro Augusto Cesar Barjona de Freitas, um dos homens mais notaveis de então. Augusto Fuschini acompanha Barjona de Freitas, filiando-se no novo grupo politico; mas, tendo se dissolvido este grupo pouco tempo depois, outro se formou, com a designação de Liga Liberal, que, como o antecedente, teve curta duração, mas do qual tambem fez parte Augusto Fuschini. Este, porém, foi o ultimo agrupamento a que pertenceu, pois, declarando-se independente, nunca mais quiz outra situação, vindo n'esta qualidade, várias vezes á Camara, e ainda como independente é chamado em 1893 aos conselhos da corôa e encarregado de gerir a pasta dos negocios da fazenda publica, onde se conservou até 20 de dezembro do mesmo anno. Dos motivos que o levaram a abandonar o poder, encontra-se circumstanciada noticia na obra publicada em 1896 sob o titulo *Liquidações politicas*.

Fez parte, em 1886, da Commissão executiva do municipio de Lisboa, que se organizou de commum accôrdo entre os dois partidos, regenerador e progressista, com Fernando Palha, Rosa Araujo, Costa Pedreira, Frederico Biester, Conde de Restello e Fernando Mattoso dos Santos. A esta commissão, que se dissolveu em 1889, se devem os principaes melhoramentos de Lisboa, como a Avenida da Liberdade e todas as grandes arterias da cidade, que se estendem até ao Campo Grande.

Depois de 1902, desgostoso com factos que se ventilaram no parlamento, na imprensa e até na propria tribuna publica, retira-se da politica activa, mas sem a abandonar completamente, até que as desillusões soffridas em muitos annos, durante os quaes trabalhou para bem servir o seu paiz, o levaram a procurar no isolamento o lenitivo aos seus grandes desgostos.

A Sé de Lisboa foi o isolamento preferido. Era alli, entre as pedras carcomidas pela acção secular do tempo, que elle ia analysando as barbaridades, praticadas no monumento, e, estudando a sua traça primitiva, com o fanatismo de um crente, ia applicando o seu talento artistico á restauração do vetusto edificio.

Mas, nem mesmo alli teve o socego que desejava, e de que muito carecia, o seu espirito atribulado, porque tinha de conviver ainda, pelos deveres do seu cargo, com uma parte da humanidade, a quem o seu talento fazia sombra e a sua auctoridade inveja; e, sem poder isolar-se completamente, visto não ter outros recursos para occorrer ás necessidades da vida, além dos que auferia do logar de engenheiro, via-se obrigado a soffrer as frequentes arremetidas da campanha que contra elle, surdamente, se movia. No entanto, supportava-os com a resignação de um bom, 'de homem superior, que o era; e os seus inimigos, vendo-se impotentes para o ferir, quer na sua dignidade, que tanto prezava, quer nos deveres profissionaes, em que era exemplar, es-

preitavam o seu desapparecimento, para, então, saciarem á vontade, a sua mal contida perversidade, no corpo ainda quente d'aquelle que, em vida, tinha sido leal e dedicado collega. E assim succedeu, porque, aggravados antigos padecimentos, falleceu Augusto Fuschini, em Lisboa, a 8 de março de 1911; e, decorridos poucos dias, são atirados para a luz da publicidade alguns artigos, que plenamente justificam o que acima dizemos.

(Continúa.)

MARTINHO DA FONSECA



## LIVROS NOVOS

### «Quadros vivos»

(Scenas da vida real)

Pelo dr. Rita Martins

O livro que hoje temos o prazer de noticiar aos leitores do OCCIDENTE é das raras joias d'arte que de longe em longe aparecem na literatura portugueza.

É uma formosa coleção de contos que melhor seria chamada *Instantaneos da vida*, tal a verdade com que foram surpreendidos varios aspétoes e personagens que todos nós vamos dizer quem sejam.

O autor chamou-lhe por isso *Quadros vivos*, no que foi exáto, rigoroso, mas não feliz porque muita gente ha de pensar que é um livro menos honesto, improprio das mãos duma senhora.

Nada disso. O sr. dr. Rita Martins ousou, escrevendo, dos mesmos processos que usa bisturizando. Fino observador, critico mordaz e justo, fez obra para lavar e durar. *Les caractères*, de La Bruyère, são imortaes porque são a imagem da vida real e não da vida imaginaria e ficticia.

Apezar de ha poucos dias posto á venda, os *Quadros vivos* vão invadindo Portugal, sendo de prever para breve uma segunda edição.

Em verdade, as qualidades do escritôr impõem-se.

Descendente em linha réta de Zola, pelo incisivo da frase e pela precisão do termo, tem, todavia, um quê de originalidade que não estamos habituados a ver nos livros que dia a dia surdem dos nossos prélos.

Pôde o sr. dr. Rita Martins orgulhar-se de ter feito uma bela estreia, podendo dizer-se que entrou na republica das letras com o pé direito.

Para o leitor melhor julgar deste livro, transcrevemos ao acaso um dos *Quadros vivos*, que o compõem:

### Habeas corpus

Na praça de Santa Cruz, na ilha Graciosa (Açores) — af dor 1888, numa tarde de outono, passeava um homem regular, forte e bem conservado, de bigode prematuramente branco. Quem o observasse, vê-lo-hia parar diante da praia, admirar francamente certos edificios e, encostando-se ao companheiro — um guarda-sol de verão — assoprar, com os beiços em agulheta, os fumos de um charuto barato, que satisfazia aquele pouco exigente adorador do fumo do seu dinheiro.

Uma expressão feliz de cosmopolita contente vinha á superficie daquela face boa de meridional falador, que, não se contendo, interrogava transeuntes e, risonho, galanteava com as cachopas, que sorriam áquele alegre senhor, um pedacinho metedico, até quasi atrevido, embora amavel.

A descansar, poisou num banco do passeio.

— Txx, oh! — que rapariga tão bonita... — e a rapariga bonita riu, a agradecer o atestado. Ele lá seguiu, socegado e filosofo, uma especie de não te rales, a passar o tempo e a acabar de chupar o seu charutinho.

— O' amigo, amigo! — tem af lume? — E o amigo, que nunca o vira mais gordo, acendia um fosforo. Agora, fumando o charutinho, já travava de conversa sobre qualquer coisa: Txx... oh!... Até que o outro, despedindo-se, depois de terem conversado sobre a praia, produções e comercio da ilha, os arredores e mulheres bonitas — a oferecer os seus serviços, lá se foi a olhar para traz, para aquele desconhecido, hesitando se efectiva-

mente se tratava de um bom homem, como parecia, ou, na dúvida, se ali, debaixo daquele manso aspecto de feliz-independente, não se ocultaria espião ou bandido...

Eis que estaca. Brilha-lhe na fisionomia franca um sorriso satisfeito. A face enruga-se-lhe de júbilo. Os olhos alegram-se-lhe gostosamente. Tira da boca o charutinho de dez réis. Tosse de satisfação e, para lubrificá-lo, depois sorve e esguicha, num jacto de hialeia.

Gosado que foi em silêncio todo este regozijo — e fixando certo sujeito que, com destino, passava, naturalmente preocupado:

— Pschiu! O Sr. Penedo...! — bradou; e, risonho, empertigou-se a saborear o efeito.

— O Sr. Antonio Lourenço! Então aqui, por estas alturas?! — e já os dois meridionais se tinham abraçado mais de duas vezes, já o Sr. Antonio Lourenço lhe tinha pedido lume, falando da patria, das cachopas, da industria, do mar, etc., e do seu Alentejo.

— Mas o que o traz por cá, Sr. Antonio Lourenço? — inquiriu finalmente o Penedo.

— Ora, amigo Penedo... — e ia continuar; mas um momento guardou silencio, o leve sorriso que lhe atravessou o olhar, deixou-o logo; serio, como que mudou de papel — e, numa expressão acubrunhada de desgosto fundo e doloroso sofrer, numa confissão:

— Olhe, amigo: foi uma sorte para mim encontrar-lo!

— Diga lá. O Sr. Antonio Lourenço sabe que estou sempre ao seu dispor. A passear, não? Ora o Sr. Antonio Lourenço!

E batendo-lhe uma pancadinha no ombro:

— Então Beja, está no mesmo sitio?

Mas o Sr. Antonio Lourenço já reservado e triste:

— Ora, amigo, lá está. Mas eu... eu é que... Ai! Grande fatalidade!

O Penedo pensou nalgum desgosto de fortuna ou de familia e, lesto, acudiu logo:

— Fale! Diga lá, Sr. Antonio Lourenço!...

— Ora... Ai!...

— Que diabo! Já lhe disse: fale, homem! Só se não tem confiança em mim...

— Amigo: sucedeu-me uma grande desgraça!

— Se fôr coisa que eu possa remediar...

— E' sim, amigo, é. E contou: tinha eu ido á feira de Aljustrel vender uns gados e comprar outros. Com tão pouca sorte... ai! — que dei com um raio de um homem que começou a picar-me. Dito para aqui, dito para ali... O, amigo, sabe como eu sou prudente!... mas naquele diz tu, direi eu, o diabo do homem ofendeu-me. Eu levava uma bengala forte e não vi mais nada: zás! — na cabeça. Tão infeliz, que o homem caiu com uma grande brecha a deitar sangue... Calcule, amigo! Assim que isso vejo — pernas para que vos quero! Ainda me vieram dizer que o medico achava aquilo muito serio — e não me viram mais! Tomei o comboio para Lisboa. Dali a dois dias leio num jornal que o homem morrera. Calcule, amigo, calcule! Tomei o primeiro vapor: saí do Continente — desapareci, fugi... — e uma careta de justificado pezar enrugou-lhe a sã expressão burguesa.

— Eu um assassino! oh! amigo! — olhe que eu não tive culpa: o outro — provocou-me e afinal foi mais feliz! — não teve que fugir, que deixar as suas coisas, e a familia... Tabem, tenho a consciencia tranquila — eu não fiz aquilo por querer. E agora, aqui eston: aqui me tem. Confessei tudo — faça de mim o que quiser! De mais, o amigo é escrivão da comarca: entrego-me á sua justiça... se vir que eu não mereço d'ó... — terminou ele.

Esperando, via-se que, realmente, o bom homem sofria. Ora, coitado, se lhes parece!... uma coisa daquelas!...

O outro parara. Examinava *in mente* a culpa do seu conhecido e semi-patricio — lá daqueles lados donde ele, já ha anos, não via nem novas nem viv'alma. O sol, descendo, banhava a praça, as arvores verdes, refletia-se nas claraboias e, encadeando, dava em cheio na cara fraca e bôa do seu infeliz patricio. Para alguém da sua terra ali ir dar, era preciso que a desgraça empurrasse para as Americas. E, abstracto, fixou a areia brilhante e, inconsciente, seguiu, certo bote que, lentamente, se afastava, singrando as aguas que espumavam, forçadas a abrir caminho, desviando-se á sua passagem para depois se unirem, sussurrantes, como a criticarem.

Na bascula da sua consciencia ponderou o primeiro quesito: se o crime estava ou não provado? E, considerando o delicto involuntario e

não premeditado; considerando a circumstancia atenuante da provocação que, parecia, houvera para com o sr. Antonio Lourenço; considerando sua probidade e bom comportamento — moral e civil; considerando tratar-se — quasi! — de legitima defesa, etc., etc., etc.; e, enfim, considerando, principalmente, tratar-se dum seu patricio; e que a si, nostalgico da Patria, muito alegrara aquele embora por enquanto infeliz encontro — balanço final — resolve... por unanimidade, que o crime não está provado e manda em paz o reu, livre de custas e de selos...

Resolvera. E, muito serio, seus olhos entristeceram por baixo dos oculos de aro doirado. A dar-lhe alma, abraçou-o, e, encorajando-o, deu-lhe um significativo aperto de mão.

— Animo, sr. Antonio Lourenço. *Habeas corpus*: continua senhor do teu corpo! — que eu sou o da minha consciencia. Os homens honrados em toda a parte ganham a vida, não é assim? Vamos já para nossa casa! — e puxando o chapéu para os olhos, sentiu-se benemerito e meteu a bengala debaixo do braço.

— Obrigado, amigo, olhe, isso é de cavalheiro.



DR. RITA MARTINS

Com franqueza, não esperava tanto... — e uma lagrimasinha de reconhecimento ia aparecer, quando arvorou bandeira branca — tapando com o seu lenço os olhos certamente comovidos.

Ah! — julgava que já não havia amigos. Isto tudo, o Mundo vai estando de tal fórma, amigo!...

— Venha daí, sr. Antonio Lourenço: fica em minha casa.

Iam andando E a fixá-lo:

— E' verdade: vamos depressa — temos que passar pelo barbeiro.

— Então?

— Bem se vê que é um justo! — admirou Penedo. Para quê?... Ora essa! Para que ha de ser?

— Para cortar o seu bigode, sr. Antonio Lourenço. Pois não vê que estamos no seculo da Civilização? Até já cá chegou o cabo submarino. Os homens, disse o sr. Penedo — estendem as suas garras por toda a parte: agora até falam através os oceanos!

Tinham entrado no barbeiro e, defronte do espelho, o sr. Antonio Lourenço saudou seu busto já outra vez bem disposto e jovial. Deus me perdoe! — até parecia que puzera de quarentena os remorsos! Nem admira, pois se era um inocente! Se não fizera aquilo por mal! Então, ao ouvido, o Penedo participou-lhe que, daí em diante, porque urgia mudar de nome, seria para todos os efeitos o sr. Matoso. E agora o sr. Matoso, depois de esguichar saliva no escarrador de areia, com patinhas de leão, lançou a frase decisiva do papel ensinado:

— Para variar... — ó mestre, ora rape lá tambem o bigode, já que vai estando tão branco, o estafermo!

Nun instante, viu se glabro, com a face rapadinha. E ficou contente: achou que parecia mais novo. Já na rua:

— Se mandarem os sinais, agora já o não reconhecerão. Só falta mudar de fato. Onde se hospedou?

— Tinha acabado de chegar: jantara ainda no paquete *S. Milião*.

— Então as malas?

— Não trouxe, amigo... Não tive tempo!

— Então venha daí, vamos para nossa casa. Veste um fato meu — rubricou o bondoso notario. E, honesto, continuou: Quando a Sociedade governa mal, temos o direito de proceder com a nossa consciencia.

Antonio Lourenço, respeitoso, já admirava a grandeza daquele generoso caracter. E notou:

— Pois olhe, amigo, que nem todos me faziam isto...

— Nem por isso deixaremos de proceder como entendermos. Acima de tudo, os nossos deveres — selou o nosso escrivão.

Já em *nossa casa* apresentara-o á irmã: o Sr. Matoso! Obrigou-o a mudar de fato e até de roupa branca — por causa das iniciais que marcavam a perseguida roupa do criminoso — porque tinha perdido a bagagem, explicou á mana, que, coitada, logo se desfez em lamentações á pseudo-vítima de tão infeliz desastre.

— Ah! Perdeu as malas?!... E' uma coisa que deve custar muito...

— Mais custam outras coisas, — observou Penedo: e só agora o sr. Matoso soube compreender o misterioso sentido daquele macabro conceito. E a sós:

— E' verdade, ó sr. Antonio Lourenço... digo, sr. Matoso: porque escolheu a Graciosa, porque não foi para mais longe? Com certeza não contava comigo?

— Ora, amigo Penedo... eu lhe digo... E' que eu não tenho dinheiro!...

— Oh! coitado! Que fatalidade!

— Comprei bilhete para aqui — porque não me chegou para mais. Calcule a minha desgraça! Mas fugi tão á pressa — que nem pude trazer dinheiro, nem tão pouco pedi-lo emprestado. Tive medo que me prendessem... Eu o que queria... e quero, é ir para a America. Hei de trabalhar e levantar-me com o trabalho, enriquecer — e deixar toda a minha fortuna aos pobres! Mas como? — se nem mesmo pude trazer dinheiro para embarcar?...

— Deixe, sr. Antonio Lourenço. Eu lho empresto — quanto estiver nas minhas posses...

— O' amigo, amigo, lá isso não!

— Deixe, homem, que depois paga — um dia, quando puder.

Acabaram de jantar — e bem: os remorsos não tinham tirado o apetite ao pseudo sr. Matoso, que encontrara auxilio naquele amigo inesperado. Então o Penedo, delicado, ao ouvido:

— Vou escrever á sua senhora, dizendo-lhe que passou por aqui... para a America, não, — para a India. Ficam desancados e desnor-teia-se a policia — mesmo que venha a saber alguma coisa. E depois, em estando na America, então escreve-lhe, não é assim?

Mas então o sr. Matoso, digo, o sr. Antonio Lourenço estoirou numa gargalhada e tossiu, engasgado de tanto rir.

— Obrigado, amigo, obrigado! Isto tudo, ó amigo, amigo, tudo isto foi para o experimentar, para vêr até onde chegava a sua amizade... — e a fazer a festa, sufocava numa irresistivel risota.

Depois, aliviado, quando pôde falar, o bom filosofo meridional, puxando de dois charutinheiros de vintem:

— O' amigo, amigo — vá lá um charutinho, que eu não matei ninguem. Se vim aos Açores foi só para passear...

— Bôa partida, sr. Antonio Lourenço... Sabe que eu ainda acreditei!...

Chegava o cafézinho.

E o ex-tio Matoso, agora já outra vez sr. Antonio Lourenço, ainda antes de contar a pirraça á mana do amigo Penedo, fez:

— Txx!... Oh! — e pediu lume...

Fala-se de despertadores.

— O mais simples e melhor, diz Calino, é uma sineta grande...

— Mas como se dá corda?!

— Não se dá, puxa-se. A' hora que quero acordar puxo a corda, a sineta toca e eu acordo logo.

